



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**MÁRIO FERREIRA COSTA JÚNIOR**

**A CONTEXTUALIZAÇÃO DO COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:  
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CAMPINA GRANDE - PB**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2016**

**MÁRIO FERREIRA COSTA JÚNIOR**

**A CONTEXTUALIZAÇÃO DO COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:  
UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Geografia

Orientadora: Prof. Dra. Joedna Reis de Meneses

**CAMPINA GRANDE - PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837c Costa Júnior, Mário Ferreira  
A contextualização do cotidiano no ensino de geografia  
[manuscrito] : uma experiência de estágio em Campina Grande /  
Mário Ferreira Costa Júnior. - 2016.  
18 p.  
  
Digitado.  
trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, centro de educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Joedna Reis de Menezes,  
Departamento de geografia".

1. Aprendizagem. 2. Cotidiano. 3. Escola. 4. Ensino de  
geografia. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

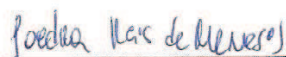
MÁRIO FERREIRA COSTA JÚNIOR

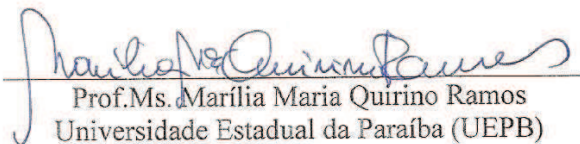
**A CONTEXTUALIZAÇÃO DO COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA  
EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CAMPINA GRANDE-PB**

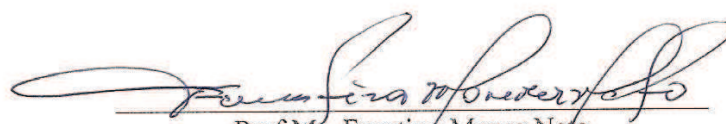
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de  
Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura  
em Geografia, da Universidade Estadual da  
Paraíba – UEPB, como requisito para a  
obtenção do grau de licenciada em Geografia.

Aprovada em: 19/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.ª Dra. Joedna Reis de Meneses (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Ms. Marília Maria Quirino Ramos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Ms. Faustino Moura Neto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **A CONTEXTUALIZAÇÃO DO COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CAMPINA GRANDE - PB**

**Mário Ferreira Costa Júnior**

### **RESUMO**

O que mais se escuta dos alunos é que a matéria Geografia é muito chata, pois ela é uma disciplina que proporciona a memorização de nomes e datas. Nesse sentido, a proposta deste estudo é apresentar que a Geografia em sala de aula, muitas vezes não faz uma conexão com a realidade a qual os alunos estão inseridos. Para dar mais efetividade às discussões em sala, propõe-se que os conteúdos abordados sejam entendidos a partir da vivência local do contexto dos alunos para que eles possam se identificar com o que está sendo apresentado. As novas tecnologias trouxeram novas formas de relacionamento e a escola tem que saber interagir com essas tecnologias para poder usufruir da melhor forma desta ferramenta. As vivências experimentadas pelos alunos devem ser inseridas no conteúdo abordado pelos professores para que a escola faça a ponte entre o conhecimento e o cotidiano do corpo discente.

**Palavras-chaves:** Aprendizagem. Cotidiano. Escola.

### **1. OLHARES SOBRE A GEOGRAFIA**

A Geografia, atualmente, é vista como uma disciplina “chata e enfadonha”, cujo objetivo de seu conteúdo é apenas descrever o mundo e suas características gerais, desagregado da realidade local do aluno, o que dificulta o aprendizado do estudante na medida em que tudo o que é ensinado está distante do seu cotidiano. Por exemplo: para os alunos que residem nas zonas rurais do Nordeste brasileiro há uma dificuldade em relacionar suas características locais com as apresentadas nos livros didáticos adotados pela maioria dos professores das redes de ensino, que sempre apresentam realidades diversas da região daqueles. “A Geografia é um desses negócios chatos que inventaram para ser a palmartória intelectual das crianças e adolescentes. Não dá prazer nenhum brincar de ser recipiente de nomes difíceis e ainda ter que repetir tudo certinho na hora das provas” (FERNANDES; 2008 p.63).

Por falta dessa conexão entre a realidade vivida e as apresentadas pelos livros, a Geografia é percebida como uma disciplina de memorização de conceitos ou a respostas

de questionários. O estudante não é estimulado a compreender o que está a sua volta. Ele não compreende, ou pelo menos não reflete, porque o Sudeste do país é mais desenvolvido economicamente do que a região Norte; sobre o porquê das pessoas falarem sobre aquecimento global e o que isso influencia nas nossas vidas; por que a seleção brasileira de futebol quando joga em La Paz na Bolívia sente dificuldade? São perguntas que, frequentemente, não são respondidas na sala de aula, pois os professores estão mais empenhados em fazer os alunos decorarem nomes de montanhas e rios.

A nova realidade imposta pela chamada globalização do Planeta e pelo desenvolvimento de novas tecnologias trouxe à tona a preocupação de a escola se adequar a essa nova realidade. As novas formas de interação e relação entre os homens faz com que haja urgência em se mudar a postura da escola e do professor. A escola não pode mais ser um lugar do silêncio, onde quem fala apenas é o professor. Ela deve ser um espaço de desenvolvimento das potencialidades de cada aluno, fazendo-o com que se reflita sobre o seu cotidiano e sua vida em sociedade. O ensino de Geografia deve levar ao aluno a compreensão do espaço onde ele vive e as consequências da interação homem/ambiente começando por sua casa, rua, bairro e cidade, objetivando ser um guia de descobrimento e percepção do espaço ao seu redor. Ela, também, é um saber que não serve apenas para educar o cidadão, mas também, ajudá-lo a modificar e a fazer uma análise crítica do seu meio. Para isso, o que possibilita uma fácil apreensão do estudo da Geografia é a experiência cultural do indivíduo.

Ao perceber que a maioria dos estudantes se desinteressa pelo estudo de Geografia, discursando que tal disciplina não contribui para sua formação cidadã, ressaltamos a seguinte indagação: como a disciplina Geografia é lecionada dentro da sala de aula e como ela potencializa os alunos à compreensão da importância da interação homem/meio e homem/homem para a vida em sociedade?

Foi a partir dessa indagação, que o interesse do tema emergiu. A Geografia é uma disciplina importante, pois ela é uma ciência que analisa e tenta compreender as relações humanas e, por isso, como tal, deve ter sua importância dentro da escola. Para isso, devemos notar o que faz com que esses estudantes percam o interesse pela matéria uma vez que não a percebem como utilidade prática para sua vida em sociedade. Um dos pontos em que nos motivou essa discussão foi a percepção de que muitos professores ainda utilizam métodos tradicionais para ensinar, os quais deixam de

conectar os assuntos abordados com a realidade de cada um, fazendo com que aquilo ensinado não seja percebido no dia-a-dia.

Com base no exposto o objetivo desse artigo é analisar a importância do ensino em Geografia, partindo da perspectiva de compreensão do local e apontando de que forma o ensino da Geografia pode contribuir na percepção do aluno sobre a interação homem/ambiente e homem/homem.

## **2. A GEOGRAFIA LOCAL COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

O grande desafio do professor de Geografia, no mundo contemporâneo, é despertar no estudante o interesse pela disciplina. Isso porque percebemos que não há estímulo, por parte de alguns profissionais, para que o aluno veja a Geografia como uma ciência que pode ser aplicada no seu dia-a-dia. Na maioria das vezes, ela é vista como uma matéria chata e enfadonha. “A Geografia é uma lembrança extremamente penosa de sua infância. Seu nome evoca listas indigestas de nomes de lugares ou dados numéricos, lições atozes que somente os menos inteligentes e os mais obstinados de nossos condiscípulos chegavam a recitar razoavelmente”(MONBEIG; 1997 p.77).

Nesse sentido, o que é necessário fazer para transformar a Geografia em uma disciplina interessante? A resposta para essa pergunta não é muito simples, mas podemos afirmar que a utilização da Geografia local para o processo de aprendizagem é imprescindível. Para Castrogiovanni (2005 p.15), Geografia local é o lugar formado por uma identidade, a qual deve contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem, com os quais os alunos estão envolvidos ou que os envolvem. Isso significa que o ponto de partida para o ensino desta ciência é a realidade vivida pelos estudantes, facilitando o entendimento do espaço e do tempo vivenciado.

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente em frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a serem as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente, e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses (CASTROGIOVANNI; 2005 p.13).

## ***2.1 A Sala de aula como espaço problematizador***

A sala de aula como espaço problematizador requer, por parte do professor, que o assunto abordado não seja encarado como uma verdade absoluta pronunciada por ele, mas que seja debatido por todos, para que juntos formulem suas conclusões. A globalização trouxe não apenas a interação do mundo, mas deixa como legado à humanidade a concepção de que a construção da História do ser humano deve ser compartilhada. Isso chega à sala de aula na propositura de que o educador estimule a participação de todos os alunos na aula com o intuito de construção coletiva do conhecimento.

Entretanto, na maioria das escolas, as práticas político-pedagógicas são padronizadas, rotineiras, fracionadas, organizadas por disciplinas, em detrimento de áreas de conhecimento. A utilização de exercícios se dá como tarefas sistemáticas de fixação e cópia. A relação do professor com o aluno tem como característica uma relação autoritária e coercitiva, em que a sala de aula é o lugar onde há a proibição da fala. O repasse dos conteúdos efetiva-se a partir de um monólogo; o professor fala, dá aula, explica, e o aluno fica em silêncio.

É nesse sentido, que o pedagogo Paulo Freire afirma que o educador aparece como “depositador”, cuja tarefa é encher os educandos de conteúdos, que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. Além do distanciamento entre o real e o didático, Freire acrescenta que o método utilizado pelo professor dificulta a aprendizagem. É o que ele conceitua de educação bancária. “Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (...) a rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE; 1979 p.67).

Sobre a educação bancária é necessário abordar tal conceito na medida em que, não só o conteúdo trabalhado em sala, como a própria metodologia implementada pelo professor cria obstáculos para a compreensão dos temas abordados sendo, portanto, requisito básico para entendimento do nosso objeto de estudo – a importância da Geografia local no ensino básico.

Portanto, é preciso que o professor se desamarre da velha metodologia de ensinar, a qual considera o aluno como um depósito de “conhecimento”, chamado por



Paulo Freire de educação bancária. O professor não pode ser mais aquele que “sabe tudo”, o qual reprime qualquer coisa que vá de encontro àquilo que está nos livros didáticos. Ele deve ser o mediador das reflexões, que por consequência, possibilitam o conhecimento. Ainda citando Freire, “não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (1979 p.77). Isso requer mudança de postura por parte do profissional. O que sabemos que não é uma tarefa fácil, já que esse mesmo professor está dentro de um sistema ideológico, muitas vezes opressor, que dificulta tal mudança.

Toda a teoria defendida por Freire aponta para uma educação, onde a prática pedagógica seja humanizadora, ou seja, que no espaço escolar o conhecimento seja uma construção para a cidadania, na qual os estudantes percebam-se enquanto sujeitos de direitos e propositores na problematização dos homens em sua relação com o mundo. “Os homens não podem ser educadores e educandos apenas, pois só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, op. Cit.).

Isso quer dizer que todo o conteúdo abordado deverá possibilitar uma reflexão a respeito do cotidiano, no intuito de perceber as formas de poder que estão por trás das ações. Os educadores deverão desenvolver em suas didáticas atividades que contribuam para uma visão crítica sobre a realidade vivida. Dessa forma é que a sala de aula será um espaço problematizador das questões atuais. É preciso problematizar o conteúdo a ser estudado. É o que CAVALCANTI (2002) chama de ações didáticas socioconstrutivas. Ou seja, a realização de atividades que propiciem atividade mental e física dos alunos, considerando a vivência destes como dimensão do conhecimento.

Os métodos de aula podem levar em consideração as novas tecnologias, quando o professor deverá incentivar seus alunos a analisarem de forma crítica os conteúdos veiculados por aqueles, como filmes, sites, músicas, novelas, dentre outros; podem estimular a observação do ambiente em que se está inserido; podem levar discussões que a mídia está abordando para poder pensar sobre o que está sendo veiculado; enfim, as atividades em sala de aula ou não, deverão possibilitar aos educadores e aos educandos um momento de reflexão sobre a realidade.

Eles buscam um envolvimento real dos alunos e professores com os objetos de estudo; propiciam uma maior motivação para as atividades escolares; levam ao trabalho cooperativo e democrático; possibilitam um melhor

aproveitamento do espaço escolar, que extrapola a sala de aula; requerem um trabalho interdisciplinar; e permitem o exercício da criatividade e espontaneidade na escola. Enfim, são procedimentos que facilitam a consolidação da escola como espaço vivo, como um lugar de culturas, onde a mesclagem de saberes e a sua construção e reconstrução são a sua razão de ser (CAVALCANTI, 2002 p. 99).

A partir dessas reflexões na escola, é que o aluno estará se consolidando enquanto cidadão conectado com os acontecimentos e potencialmente propositor das discussões que permeiam a vida em sociedade, participando ativamente das escolhas dos representantes da política, cuidando melhor do meio ambiente, se inserindo em espaços coletivos de debates, percebendo as nuances das relações de poder, entre outras ações. Por isso, é urgente repensarmos a contribuição do conteúdo escolar, abandonando fórmulas prontas, principalmente dos livros didáticos e programas oficiais. A escola e o educador são fundamentais nesse processo, contribuindo para a construção de uma escola cada vez mais voltada para a vida cidadã.

## ***2.2 A Geografia Enquanto Fonte de Saber***

A disciplina de Geografia, enquanto disciplina escolar, passou por várias mudanças: metodológica, curricular e, sobretudo, pelo seu objetivo político. Foi observado que conhecer o outro em seus aspectos econômico, social, cultural, espacial, climático e político era importante, e até mesmo necessário, para demonstrar poder. Isso porque as estratégias de guerra necessitavam desses conhecimentos para uma ação exitosa contra os seus oponentes. Ou seja: quanto mais conhecimento a respeito do outro, melhor para a dominação. Esse direcionamento aconteceu com todas as ciências, o que foi denominado de Ciências Aplicadas.

No Brasil, a Geografia, mesclada com outras ciências, também serviu de instrumento de poder no período da ditadura militar. Mas o que nos interessa aqui é refletir um pouco sobre a disciplina Geografia enquanto fonte de saber. Isto significa pensar como a Geografia foi pensada e repensada enquanto disciplina no currículo escolar e como os conteúdos e métodos foram se modificando até chegar na “renovação” dessa disciplina.

Nos anos 30 do século XX, vários teóricos do mundo discutiam a necessidade da Geografia em se tornar uma ciência com objeto de estudo próprio. Na Europa, essa discussão tomava conta do meio acadêmico, esforçando para tirar o estereótipo da Geografia de apenas ser um estudo de nomenclaturas, que exigia apenas memorização administrativa, que limitava o estudo às divisões políticas dos países. Pontuschka (2007:47), cita Delgado de Carvalho, quando este, em seu livro, discute a urgência da Geografia em se tornar uma Ciência, desde que houvesse um trabalho de interação entre ensino e ciência geográfica. O referido autor critica a natureza de memorização dos conhecimentos geográficos e defende a definição do seu objeto de estudo, seguindo a definição europeia como a ciência do “estudo da terra como habitat do homem”.

Nídia Pontuschka (2007) ainda diz que no Brasil, a formação de uma Geografia com caráter científico efetivou-se a partir de 1930, ao serem criadas as primeiras Faculdades de Filosofia, o Conselho Nacional de Geografia, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Associação dos Geógrafos Brasileiros. Foi a criação dessas entidades que possibilitou que a Geografia ganhasse importância dentre os estudos acadêmicos, consolidando-se como Ciência. No ensino básico, as consequências dos estudos voltados aos conhecimentos geográficos foi muito grande, pois profissionais específicos da área começaram a lecionar uma Geografia mais analítica e menos memorizativa. Tal disciplina ganhava status e espaço no mundo do conhecimento. No entanto, a Geografia era lecionada junto com a História, ficando muitas vezes como complemento dos acontecimentos históricos. Somente em 1957, é que há um desmembramento, nas faculdades brasileiras, começando pela USP, entre a História e a Geografia. Esse desmembramento se deu, sobretudo, pelo aumento dos estudos na área de geografia, o que naturalmente demandou uma atenção maior a esta área.

A ciência geográfica estava em ascensão no Brasil, tanto no que se refere ao conhecimento acadêmico como na ampliação de seus estudos. Porém, com a instauração da ditadura militar no país, a Geografia sofre uma redução de pesquisa nessa área, o que estagna sua repercussão no ensino básico. O regime autoritário, para se manter no poder, modelou as ementas nas escolas com o intuito de se legitimar enquanto poder político.

Em 1971 com a Lei 5.692, a qual mudou a estrutura da escola brasileira, a Geografia foi relegada a uma disciplina apenas decorativa, pois nos conteúdos abordados em sala de aula, com as novas diretrizes, a reflexão do espaço geográfico, incluindo a relação do ser humano em sociedade e com a natureza, foi deixada de lado, ficando apenas a parte que cabia sobre os conhecimentos de clima e dados estatísticos sobre os países. A criação de novas disciplinas como Estudos Sociais e Moral e Cívica contribuíram para a desvalorização dos conhecimentos geográficos. “A legislação, imposta de forma autoritária, tinha mesmo a intenção de transformar a Geografia em disciplina inexpressiva no interior do currículo e, ao mesmo tempo, fragmentar ainda mais os respectivos conhecimentos” (PONTUSCHKA, 2007 p. 60).

A autora, citando Conti (1976), alertava aos professores para um problema que enfrentariam em um futuro próximo, afirmando que a licenciatura em Geografia e História, obtida com tanto sacrifício na universidade, estava perdendo o seu significado, quando apontava que os Estudos Sociais apresentavam um conteúdo difuso e mal determinado, não se sabendo se tratava de uma área de estudo ou de uma disciplina escolar, ora aparecendo como sinônimo de Geografia Humana, ora usurpando o lugar das Ciências Sociais ou da História ou pretendendo impor-se como uma espécie de aglutinação de todas as ciências humanas.

A disciplina de Geografia, dentro das escolas básicas de educação, ganha uma identidade voltada para a memorização de dados e nomes e perde o olhar crítico a respeito da relação do homem em sociedade. Isso contribui para a caracterização da disciplina como memorizativa e deixa como herança para as próximas décadas um estigma de que na Geografia basta apenas decorar para saber.

### ***2.3 O Saber Geográfico Escolar***

Os fatos relatados anteriormente foram necessários para entendermos como a disciplina Geografia ganha o estereótipo de uma disciplina chata e enfadonha. No âmbito escolar o professor tem grandes dificuldades em motivar o corpo discente para o interesse pela disciplina. Ele mesmo não tem infraestrutura que garantam as condições para dinamizar suas aulas. Vale lembrar que muitos professores que lecionam Geografia não têm formação nesta área, além de que os conteúdos abordados nos livros didáticos ainda dão prioridades à discussão do espaço geográfico como algo estático, desconexo

com o contexto histórico que modificou aquele espaço. Tudo isso, contribui para que a referida disciplina continue sendo uma descrição sumária de dados e nomes.

Porém acreditamos que a Geografia possa ser uma disciplina prazerosa, quando ela oferece meios para que os alunos, através dela, conheçam e sintam curiosidade em observarem a realidade em que vivem. Somente assim, ela cumprirá o seu papel indispensável no entendimento do mundo moderno, demonstrando dessa forma o valor educativo de seus conteúdos. Nesse sentido, defendemos que para entender o global é necessário conhecer primeiramente as partes, começando daquela que está inserida no seu cotidiano. Portanto, para que os conhecimentos geográficos sejam atraentes, é necessário que o professor comece a refletir com os estudantes o espaço geográfico onde eles estão inseridos, na relação entre os homens e destes com a natureza. Ou seja, a Geografia local como marco do conhecimento sobre o global, utilizando o professor, de métodos e didáticas que valorizem o conhecimento local do espaço.

A aula deve ser um espaço onde os estudantes poderão trocar experiências com o outro, refletir sobre sua vida e construir suas referências. O professor, nesse bojo, deve ser o facilitador dessas interações, buscando compreender o contexto em que a escola está inserida. Portanto, é necessário lembrar que a escola enquanto instituição está instalada num espaço historicamente construído, e que tanto o conteúdo escolar como as práticas pedagógicas não podem estar desvinculadas dessa realidade.

O saber escolar tem que está alinhado com o cotidiano. É primordial que o educador conheça o dia-a-dia dos alunos e se deixe conhecer para que aqueles sintam confiança no processo de aprendizagem. SILVA (2004) lembra que os professores lidam com pessoas, sujeitos inseridos numa sociedade, num determinado lugar, pertencentes a uma família, a uma religião com determinados valores. Ele questiona, a partir disso, se em nome do conhecimento científico, instituído e aceito como válido, os professores devem fazer de conta que não conhecem essa realidade. Como orientar os estudantes, de maneira que, sequer a escola sabe lidar com a diversidade ali presente? Como a escola quer formar cidadãos, se o contexto de cada um é ignorado pelo corpo escolar?

Nesse sentido, a Geografia pode contribuir para a desmistificação do mundo para os alunos na medida em que seu objeto de estudo é a relação entre os homens e entre estes com o meio. A Geografia enquanto prática escolar deve estar preocupada em

discutir essas relações e de que forma tais relações interferem em nosso cotidiano. Citando ainda SILVA (2004), ele diz que o professor ao se propor em ensinar Geografia deve buscar definir quais as contribuições desta ciência para o entendimento da realidade, a partir de uma reflexão que articule conceitos geográficos, aprendizagem significativa, nível de desenvolvimento cognitivo e conhecimentos prévios dos estudantes, necessidades sociais, dentre outras.

Para CAVALCANTI (2002), um dos critérios para a construção do saber geográfico escolar é sua relevância social, ou seja, é a possibilidade de esse saber contribuir para a formação de cidadãos. Ela ratifica o que SILVA (2004) defende, afirmando a necessidade de que os alunos têm de apreender o espaço como dimensão da prática social cotidiana.

Geografia é uma prática social que ocorre na história cotidiana dos homens. Há uma Geografia das coisas e da vida cotidiana. O espaço e as percepções e concepções sobre ele são construídos na prática social, de modo que vai se formando um conjunto de saberes sobre esse espaço, mais ou menos sistematizados, científicos ou não. O conhecimento desse conjunto de saberes, a consciência do espaço, ou da 'geografia' do mundo, pode ser construído no decurso da formação humana, incluindo aí a formação escolar. Por isso ela é estudada na escola (CAVALCANTI; 2002 p.74).

Essa prática social cotidiana está dentro da escola e esta, especificamente a disciplina de Geografia, deve elaborar sua proposta político-pedagógica em face dessa realidade. A preocupação com a Geografia escolar e com seu papel de contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e afetivo do aluno é parte do discurso que deve ser assumido pela escola e pelos professores dessa disciplina. O conteúdo não deve ser apenas um monte de informações desconexas de objetivos e anseios dos alunos. Ele necessariamente tem que ser uma construção que leva em conta o programa da disciplina com os conhecimentos que os alunos detêm. Cavalcanti define isso como uma concepção socioconstrutivista. Para ela, esta concepção destaca a importância do conhecimento científico como referência para a compreensão da realidade e o entendimento de que o processo de conhecimento é um processo ativo do aluno, com suas peculiaridades e seus conhecimentos anteriores.

Em sua prática de todo o dia, os alunos já são portadores de um conhecimento da Geografia das coisas. Pois tais conhecimentos construídos a partir de suas vivências na sociedade, trazem em si um saber, que mesmo assistemático, demonstra um reconhecimento da realidade. “As crianças e os jovens, independentemente da

Geografia que estudam na escola, circulam pela cidade, pelo bairro, realizando suas atividades cotidianas, criando, recriando e organizando espaços, conhecendo a geografia das coisas” (CAVALCANTI; 2002 p.77). É a partir desse conhecimento tácito que a disciplina geográfica pode possibilitar uma apropriação e uma reflexão sobre o local, o qual pode contribuir para o entendimento do global.

#### ***2.4 A Geografia Local como Ponto de Partida***

O ponto de partida para que a Geografia seja uma disciplina prazerosa é o conhecimento das coisas conhecidas. Fica mais fácil entender aquilo que você conhece, ainda que superficialmente. O conhecimento da Geografia na sala de aula, sendo física ou humana, requer um reconhecimento, por parte dos alunos, daquilo que está em sua volta. “Muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos” (CASTROGIOVANNI; 2000 p.83). Essa lacuna dificulta na percepção e compreensão das coisas, isto porque o primeiro momento de reflexão deve ser sobre o cotidiano, especificamente, o nosso.

Isso faz com que a realidade seja um ponto de partida para entender todo o resto; seja uma referência. “Ao manipular as coisas na prática social do cotidiano, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento geográfico” (CAVALCANTI; 2002 p.77). Estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas. Para compreender o lugar em que se vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pois ele é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente.

Portanto, o professor de Geografia tem que perceber que todo o conteúdo abordado em sala de aula deverá ter como referência a Geografia local. Isso facilita muito a aprendizagem no momento em que ao comparar aquilo que está sendo estudado com aquilo que eles vivem, o estudante percebe as diferenças e o porquê delas. “Uma educação que tem como objetivo a autonomia do sujeito passa por municiar o aluno de instrumentos que lhe permitam pensar, ser criativo e ter informações a respeito do

mundo em que vive” (CASTROGIOVANNI; op. Cit.). O grande desafio do professor é oportunizar tais condições, organizando as diversas informações no sentido da construção do conhecimento, reformulando os conceitos originários do senso comum em conceitos científicos.

Nesse sentido, os procedimentos adequados na introdução dos estudos de Geografia devem considerar não apenas os textos dos livros didáticos, mas a observação do meio. Os livros didáticos são importantes na conceituação dos significados. Eles são necessários, pois nossa sociedade é construída em cima de elementos simbólicos e que, por conseguinte, devemos dominar tais símbolos. No entanto, outros procedimentos podem ser usados para melhor fixar os conteúdos e fazer com que os alunos reflitam sobre aquilo que está sendo estudado, desde que se observem os objetivos a serem alcançados e as ações a serem implementadas. Cavalcanti (2002) cita como procedimento painéis, exposições, atividades extraclasse como observação, entrevistas, passeios, dentre outros. Trabalho com filmes e fotografias, também entram nesse bojo.

Todos esses procedimentos dinamizam a aula e fazem com que os conteúdos sejam apreendidos mais facilmente. Porém, nos deteremos ao procedimento de observação da paisagem, por entender que a reflexão e o conhecimento do cotidiano é o ponto de partida do conhecimento global. “Este é um procedimento no ensino a ser estimulado pelo professor em vários momentos, mas, ao iniciar um estudo novo, a observação é fundamental para produzir motivações, a partir da problematização do tema e da realidade observada” (CASTROGIOVANNI; 2000 p.22). A observação deve ser guiada pela curiosidade dos alunos. A paisagem problematizada através de uma observação direta do lugar de vivência do aluno ou de uma observação indireta de uma paisagem representada pode fornecer elementos importantes para a construção de conhecimentos referentes ao espaço nela expresso.

Callai (2005) afirma que nessas atividades professor e aluno estarão envolvidos em situações de aprendizagem que consideram o empírico, o reconhecimento do que existe no lugar, os conhecimentos que o aluno traz consigo a partir de suas vivências e as buscas de teorização dessas verdades. Isto permite um olhar crítico a respeito das coisas, uma vez que a curiosidade de saber por que aquilo observado é daquele jeito faz com que as descobertas incentivem mais a curiosidade. É um ciclo, onde a curiosidade estimula a observação e esta possibilita a curiosidade. É uma atividade que pode ser



feita em grupo, nos momentos de aula, com acompanhamento do professor – por exemplo, num passeio pelas imediações da escola; ou individualmente, como atividades extraclases, por exemplo, observações de paisagem feitas pelos alunos no trajeto da casa à escola.

O interessante é que tal atividade não se transforme em mais uma formalidade da escola, perdendo o caráter prazeroso da observação. O professor tem que ficar atento e acompanhar o processo de observação feito pelo aluno para poder orientar as descobertas. É necessário que haja um envolvimento real do aluno com a atividade e que esta seja dirigida para a problematização da realidade observada. Todo esse processo faz com que os alunos troquem informações um com o outro, mostrando suas impressões, percebendo que o espaço observado não é natural, mas construído historicamente. Daí percebe-se que o cotidiano é formado pela ação do homem que em relação consigo e com o meio ambiente imprime significado à realidade circundante. Daí, a importância do papel do professor. Ele “tem um papel importante nesse processo, como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o ‘pensar sobre’ e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significados às informações” (PONTUSCHKA; 2007 p.263).

A Geografia local é importante na definição de conceitos, da reflexão do dia-a-dia, da percepção da dinâmica social e do entendimento espacial. Ela que baliza os conhecimentos do mundo. O aluno percebendo o seu cotidiano terá curiosidade em conhecer outras coisas do mundo, diferente daquilo em que ele vive. “É o nível local que traz em si o global, assim como o regional e o nacional” (CASTROGIOVANNI; 2000: 24). Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. Callai (2005) define que o entendimento desta relação, dos movimentos que são contraditórios, inclusive, encaminha-se à compreensão do mundo. Segundo ela, estudar o lugar, portanto, passa a ser um desafio constante para as aulas de Geografia. Para Cavalcanti (2002), no ensino, ocorre um processo de conhecimento pelo aluno, sujeito do processo, mas trata-se de um processo mediado; mediado porque não é um processo direto de investigação do sujeito diante de um objeto desconhecido, mas um conhecimento que passa por uma discussão mediada pelo professor.

Para compreender se a Geografia local está presente nos assuntos abordados em sala de aula pelo professor da referida matéria, fizemos uma reflexão como a disciplina é abordada e de que forma ela é apresentada para os alunos do Estadual da Liberdade, bem como da Escola Estadual Argemiro de Figueiredo. Percebemos que a disciplina Geografia é vista por parte dos alunos como uma disciplina que cobra apenas memorização sobre os assuntos abordados, sem nenhuma relação com o seu dia-a-dia. Os alunos não percebem a funcionalidade dos conhecimentos geográficos, não considerando como úteis para sua vida em sociedade. Essa questão pode estar relacionada com o fato de que muitos dos professores ainda cobram que os alunos decorem os assuntos dos livros didáticos e estes, muitas vezes, apresentam uma realidade diferente daquela vivida pelo corpo discente. Defendemos em nossa pesquisa que a Geografia seja aplicada em consonância com os conhecimentos empíricos dos estudantes, pois somente assim o aprendizado será facilitado, visto que aquilo que os conhecimentos geográficos aplicados pelo professor podem ser reconhecidos pelos alunos no dia a dia. Tivemos o maior cuidado em abordar esta questão, pois acreditamos que o conhecimento deve ser o mais amplo possível, porém ele deve partir de uma base, que é o conhecimento vivido e enraizado que o estudante traz consigo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por tudo isso, a Geografia é vista como uma disciplina chata, que não acrescenta em nada na vida em sociedade. Os estudantes não são estimulados a observarem o espaço em que vivem; a refletir sobre as relações sociais que estão em sua volta; a não criticarem as relações de poder e de convivência entre os seres. A Geografia é importante, pois estuda a relação do homem com o próprio homem e dele com a natureza, bem como no fato de estas relações interferirem na vida em sociedade. Queremos contribuir com este trabalho no intuito de fazer com que o professor de Geografia perceba a importância de seus alunos compreenderem os espaços onde vivem; identifiquem as várias forças que compõem a sociedade e que o entendimento sobre o recorte local permita a compreensão do global.

**ABSTRACT**

It is very common hear from students that study Geography is too boring, as it is discipline that requires recording names and dates. We want to bring in this paper is that the study of geography in classroom, often does not make a connection to the reality that students are inserted. To give more effectiveness to classroom discussions, we propose to bring contents to a local experience, so the students can relate with what is being presented. The new technologies brought new forms of relationship and the school has to know how to use these in order to enjoy the best of this tool. What students experienced should be inserted in the content covered by the teachers, so the school can make the bridge between knowledge and students on daily basis.

**Keywords:** Learning. Daily. School.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.); **A Geografia em Sala de Aula**. 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.); **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. 176p.

FRANÇA, Vera Veiga (org.); **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia do Oprimido**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MONBEIG, Pierre; **O Papel e o Valor do Ensino da Geografia**. São Paulo: Difel, 1957.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Onildo Araújo da. **Geografia: Metodologia e Técnicas do Ensino**. Feira de Santana: UEFS, 2004.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de; **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2ª Edição. Campina Grande: Bagagem, 2008.109p.